

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E

GÊNERO

Obs: O trabalho está ótimo, bem fundamentado, abarcando um tema bastante significativo, mas Glei creio que você poderia aprofundar mais as suas reflexões na conclusão e as tabelas deveriam vir no final e não antes da conclusão. Sua nota é 9,0 (ouro).
Glei

GLEI DE MOTTA TEIXEIRA

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E

GÊNERO

Rio de Janeiro

2000

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA MONOGRAFIA

Reitor: Pietro Novellino

Decano: Maria José Nesquita Cavalheiro de Macedo Wehline

Diretora: Deyse Martins Hora

Chefe do Departamento de Didática: Mônica Cerbellha Freire Mandarino

Professor Orientador da Disciplina Monografia: Sueli Barbosa Thomaz

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E GÊNERO

GLEI DE MOTTA TEIXEIRA

Monografia apresentada à Escola
de Educação da Uni-Rio para
obtenção do grau de graduação
em Pedagogia.

Professor Orientador: Angela Maria Souza Martins

Rio de Janeiro

2000

TEIXEIRA, G.de M. Orientação Vocacional e Gênero. 2000. 46f. Monografia (graduação em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2000.

T/235. TEIXEIRA, Glei de Motta

Orientação vocacional e gênero, Glei de Motta Teixeira
2000. 46 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Escola de
Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2000.

1. Orientação vocacional e gênero

I – Título

CDD 370.113

CDU 37.048.4-055.1/.2

Dedicatória

*Dedico este meu trabalho a minha família,
principalmente a meus queridos pais, que em outra
dimensão espiritual me confortou e me deu força para
que eu pudesse chegar ao final dessa missão.*

Agradecimentos

*Agradeço a todos os meus amigos e professores,
que durante todos esses anos, conseguimos formar um
elo de carinho, amor e amizade.*

RESUMO

*“Todas as coisas já foram ditas;
mas como ninguém escuta,
força é recomeçar sempre.”*

*André Gide
(s/d)*

Este trabalho teve como objetivo conhecer as variáveis intervenientes na construção do projeto profissional de homens e mulheres. Assim, serão apresentados alguns resultados de uma pesquisa que foi realizada com estudantes de Segundo Grau e universitários, de ambos os sexos. Pesquisa realizada pela Puc do Rio Grande do Sul, que está reproduzida nesta Monografia. Foram aplicados questionários que abarcaram algumas variáveis sobre a construção dos projetos profissionais, entre as quais: a auto-avaliação das características pessoais, os estereótipos de gênero, a influência da família e de outras pessoas, as influências positivas e negativas, os valores de trabalho, a importância concedida à família e à carreira e aos planos para o futuro. E a escola, como os profissionais de educação encaram, as diferenças entre meninos e meninas, entre homens e mulheres? Será que alunas e alunos têm as mesmas experiências escolares e profissional? A partir dos dados obtidos, constatamos que a escolha profissional não é uma tarefa fácil, pois abarca fatores multivariados que interferem em todo o contexto da vida pessoal. A adolescência é uma fase de profundas modificações, no qual as decisões estão sendo construídas. O mesmo acontecendo aos adultos e jovens e, em certa medida em todo ciclo vital. Indecisão, incerteza e ansiedade são questões constantes nesta etapa. As mudanças corporais repercutem em uma reconstrução da personalidade, o desprendimento da infância e a progressiva entrada no mundo e no papel adulto também provocam conflitos. A escolha profissional é uma das mais importantes decisões a serem tomadas pelo/a adolescente, pois desta escolha depende em grande parte seu futuro.

Lista de Tabelas

1. Características Pessoais	34
2. Influências Percebidas do Pai e da Mãe nos Projetos Profissionais	35
.	
3. Outras Pessoas que Influenciam no Projeto Profissional.....	36
4. Determinantes Positivos e Negativos	37
.	
5. Planos para o Futuro	38.
6-.Valores de Trabalho	39
7. Estereótipo por Gênero	40

SUMÁRIO

• 1- Introdução	9
• 2 – Gênero e a luta pela igualdade	13
• 3 - Gênero e a família	18
• 4 – Sexo e Gênero na escola	22
• 5 – Gênero e orientação vocacional	27
5.1 – Características pessoais	28
5.2 – Influências e determinantes	29
5.3 – Planos para o futuro	30
5.4 – Valores de trabalho	31
5.5 – Estereótipo de Gênero	32
• Considerações finais	41
• Bibliografia	44

Anexo:

• Lista de Tabelas	
1. Características Pessoais	33
2. Influências Percebidas do Pai e da Mãe nos Projetos Profissionais	34
3. Outras Pessoas que Influenciam no Projeto Profissional.....	35
4. Determinantes Positivo e Negativo	36
5. Planos para o Futuro	37
6. Valores de Trabalho	38
7. Estereótipo por Gênero	39

INTRODUÇÃO

"Nenhum destino biológico, psíquico, econômico definem a forma que a mulher e o homem assumem no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto. Enquanto existe para si, a criança não pode aprender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo, é primeiramente a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo. É através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que aprendem o universo. O drama do nascimento, o do desmame, desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos, têm os mesmos interesses, os mesmos prazeres; a sucção é inicialmente, a fonte de suas sensações mais agradáveis; passam depois por uma fase anal, em que tiram das funções excretórias que lhe são comuns, as maiores satisfações. Seu desenvolvimento genital é análogo exploram o corpo com a mesma curiosidade e a mesma indiferença; do clitóris e do pênis tiram o mesmo prazer incerto".

Simone de Beauvoir (1982)

Em 1996, fui convidado a trabalhar em uma Escola como recreador na turma de Maternal II (crianças entre 2 e 3 anos). Para mim foi muito gratificante, não monetariamente, mas humanamente. Fiquei a pensar: como seria um homem trabalhar com uma turma de Maternal II, já que em todas as escolas essa tarefa é exclusivamente de mulheres? Como eu enfrentaria uma turma já que não tenho formação de magistério? E principalmente, como transformar esse estereótipo de que homens não podem trabalhar nas séries iniciais? Precisei trabalhar esse preconceito em mim mesmo. Pois bem, resolvi aceitar e para minha surpresa consegui superar todas as minhas dificuldades, claro que com a ajuda de vários colegas. A minha formação que tenho em Artes Cênicas foi fundamental para que eu enfrentasse esse desafio profissional. Foi através do teatro, com a facilidade em interpretar vários personagens

e a música, que ganhei a confiança das crianças, da diretora da escola e principalmente dos pais. O preconceito de um homem numa classe de Maternal II, estava quebrado! Será? Durante uma festividade na escola, houve uma apresentação de ballet e judô. O “professor” de ballet após a apresentação chamou todos os alunos para subir ao palco e fazer alguns passos, imediatamente um aluno de 2 anos falou: isso é coisa de menina, menino não dança ballet. Quando o professor de judô fez o mesmo convite, pensei, agora só vai os meninos pois seria uma atividade de “meninos”, para minha surpresa todos subiram ao palco.

Questionei! O que leva uma criança de 2 anos a ter essa atitude preconceituosa, de classificar em atividades de “meninos” e de “meninas”? Por que as meninas não recusaram o convite do professor de judô, já que essa atividade é vista como tarefa masculina”? Seria a família responsável criação de certos preconceito nas crianças? Ou era a escola que reproduzia estereótipos sociais? E no campo do trabalho, quem determina se uma carreira é “masculina” ou “feminina”? Escolha Vocacional, quais os fatores que interferem nesse processo tão importante na vida dos estudantes? Movido por estas questões resolvi investigar a influência da escola na orientação vocacional, verificando se ela produz valores sociais atribuídos a questão de gênero.

Nas últimas décadas, as questões de gênero tem sido bastante trabalhadas no âmbito das ciências sociais e humanas. No texto de Silvia Alicia Martins(1998) ela explora algumas categorias básicas sobre as questões de gênero, principalmente o vínculo entre educação e relações de gênero.

A igualdade política e econômica, hoje generalizada, é possível reconhecer no “sexo” o “critério biológico” (Silvia 1998:252). Existe uma expectativa sobre os “padrões” ou “modelos” adotados pela estrutura do poder político (Morgade,1992). Podemos definir sexo como um termo de conotações biológicas que diferencia o macho da fêmea, já o gênero, conota a dimensão psicológica e cultural da vida humana. A construção do Masculino e do Feminino, está ligado a construção social e histórica dos estereótipos ou das padrões sexuais. Scott (1995:72-86) analisa a definição de gênero em 2 partes:

O “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. Podemos notar aqui, a utilização simbólica: O homem sustenta a casa e a mulher cuida da casa. A virilidade é associada ao homem e a feminilidade a mulher. O homem não pode ter comportamento dócil, se não, é considerado homossexual. Segundo Bourdieu (apud, Scott,1995) a divisão do trabalho ortoga ao homem o trabalho externo e a mulher o trabalho interno, fenômeno que ele denominasse “abuso de autoridade social”

O gênero é “uma forma primária de dar significado as relações de poder.” (s/d) Aqui Scott diz que a forma primária é o meio pelo qual o poder é articulado. O poder político tem sido concebido e legitimado por homens e são eles que estabelecem a relação homem x mulher.

No campo da educação já se discute a desigualdade de oportunidade e de tratamento para homens e mulheres. Todos nós temos uma visão bem particular da realidade influenciada pela ciência e pela ideologia de nosso tempo. Tudo o que fazemos, pensamos, sonhamos, está ligado a imagem que temos de nós. Esta imagem não surge do acaso, ela é formada através de nossas experiências, vividas dentro de uma sociedade que nos conduz a agir, pensar e se manifestar dentro de um modelo pré-estabelecido.

Desde criança somos rotulados entre ser homem ou mulher, nas ações, nos gestos, nas cores de roupa (azul ou rosa). A família vai determinando em que grupo o indivíduo vai pertencer.

Esse processo está presente também na escola.. Ao longo dos séculos a mulher foi mantida longe das instituições escolares. O reflexo desse afastamento apresenta-se na escolha das profissões e na questão salarial. Os papéis são atribuídos e distribuídos socialmente aos homens e mulheres, atendendo a ideologia dominante de matriz patriarcal. Meu objetivo é investigar como a escola, e a questão de gênero, influenciam na orientação e escolha vocacional, analisando as variáveis intervenientes na construção do projeto profissional de homens e mulheres.

Na tentativa de entender esses conflitos, este trabalho busca analisar o sentido que as atividades ditas “femininas” e “masculinas” adquirem numa interação social concreta, em relação a escolha profissional. Parte-se do pressuposto que existem determinantes individuais e ambientais que se constituem em influências positivas e negativas que interferem nesta escolha. Os determinantes ambientais constituem-se em oportunidades de mercado de trabalho, barreiras econômicas e sociais, além de influências familiares. Ao se falar em *escolha vocacional*, veremos que muitos são os fatores que interferem neste processo tão importante na vida dos estudantes. Levando em consideração a questão de gênero e sua influência na escolha vocacional, mostrando como a educação informal e formal (escola) reforça determinados estereótipos. Segundo Silva (1992), o mais importante na escolha vocacional é o auto-conhecimento adquirido pelo sujeito. É a partir do conhecimento de suas características pessoais, além de aptidões, capacidades e interesses e da busca do sujeito por esse auto-conhecimento que se encontrará o caminho mais seguro rumo a uma escolha profissional.

Foi realizado uma pesquisa bibliográfica com teóricos que desenvolvem trabalhos ligados a questão de gênero e trabalho. Utilizarei, como apoio, resultados de uma pesquisa que foi realizada com estudantes de segundo grau e universitários de ambos os sexos, pela equipe de pesquisa em trabalho e gênero da pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da PUC do Rio Grande do Sul.

2 - GÊNERO E A LUTA PELA IGUALDADE

*“Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter
Que nada
Minha porção mulher, que até então se resguardava
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver”*

*Gilberto Gil
(Super-Homem – A Canção)
(s/d)*

A crítica feminista que no século XIX emergiu nos Estados Unidos e na Europa, mesmo defendendo a igualdade de direitos, considerava as diferenças entre homens e mulheres do ponto de vista biológico, acatando a dicotomia existente entre o espaço público e o privado, o que significava também aceitar a domesticidade e a subordinação feminina ao modelo masculino, além de ancorar nessas diferenças naturais uma idéia de inferioridade das mulheres em razão de maior fragilidade física e intelectual, apesar de uma inegável superioridade do ponto de vista moral. No entanto, essa dupla moral sexual que concedia direitos aos homens e deveres somente para as mulheres, entre eles a exigência de fidelidade absoluta, já tinha sido questionado no século XVII pelas inglesas e no século XIX pelas feministas do International Council of Women que se reuniu em Washington em 1888. Na defesa dos direitos femininos não deixava de se considerar o matrimônio como destino inato das mulheres e a sua conseqüência, a maternidade, como suprema aspiração. As lutas por igualdade reivindicavam educação e instrução iguais para meninos e meninas, porém desde que fossem respeitadas as diferenças entre os sexos do ponto de vista da natureza de cada um,

apelando para o exercício da cidadania através do direito ao voto, o que possibilitaria um maior trânsito no espaço público.

Na primeira metade do século XX, o apelo para o trabalho feminino na Europa e Estados Unidos por conta das guerras propiciou uma maior visibilidade às capacidades femininas fora do lar, mas os ganhos reais foram poucos e a tradição continuou ditando seu comportamento e limitando seu espaço fora das fronteiras domésticas. Concedia-se um pouco mais de liberdade, porém se normatizava condutas, impedindo a expansão da sexualidade e da conquista de profissões em desacordo com o que era socialmente aceito. Porém, desde os anos iniciais do século as lutas feministas não cessaram, tanto que em 1904 se criou nos Estados Unidos e Inglaterra uma outra organização internacional: The International Woman Suffrage Alliance que se opunha aos comitês contra o sufrágio feminino que se haviam formado nos dois países, tomando inclusive posições internacionais numa época de extremo nacionalismo.

O Feminismo, nascido na França na primeira metade do século XIX, primeiramente surgiu como um movimento social e político de caráter reivindicatório e aos poucos foi ganhando maior visibilidade no meio científico e permitiu a emergência de um novo olhar sobre as mulheres. Dos brados iniciais das primeiras feministas que intentavam romper com os muros da domesticidade e ocupar, ainda que de forma restrita, parcelas do espaço público, chegou-se ao reconhecimento da crítica feminista em áreas das Ciências Humanas como a Antropologia, a Sociologia, a Demografia, a História, a Literatura, a Saúde e Sexualidade, a Psicanálise, a Ciência Política, a Economia e, mais recentemente, a Educação. Esse reconhecimento trouxe inegáveis contribuições para a construção de um campo epistemológico no qual se leva em conta que o mundo pertence aos dois sexos, apesar das relações de dominação/subordinação entre ambos sempre se estabeleceu no decorrer da História da Humanidade.

Nos finais dos anos 60 e mais acentuadamente nos anos 70, o movimento feminista que havia passado por um período de estagnação nos vários países do mundo ocidental, ressurgiu com força na Europa e nos Estados Unidos. Emergiu nesse período uma consciência feminista que, na luta por igualdade e maiores direitos, rejeitava as diferenças naturais entre os sexos, reivindicando para as mulheres o mundo até então reservado apenas

aos homens, disseminando-se um pensamento ideológico que desconsiderava aspectos diferenciados inerentes aos dois sexos. A ideologia do sexo masculino como opressor, a liberdade sexual obtida através de métodos contraceptivos mais eficazes e um maior acesso à escolarização e ao mercado do trabalho revelou para as mulheres que alcançaram o espaço público um mundo ainda voltado e preparado essencialmente para o modelo social masculino, onde seus representantes conseguiam os melhores postos e os melhores salários. Para as mulheres, a situação de inferioridade em que viviam no espaço privado, estendeu-se ao espaço público, tendo como agravante as dificuldades oriundas do meio familiar representadas pela dupla jornada de trabalho e o cuidado com a família. Esculpia-se assim uma ambigüidade em relação ao sexo feminino: se, por um lado, existia o desejo de serem esposas e mães, por outro lado, o anseio de fazer parte da população economicamente ativa significava deixar o primeiro espaço ao abandono. Ainda hoje, em finais do século XX, as mulheres continuam se debatendo em torno desse problema, apesar de conquistas como creches e escolas para cuidar das crianças, os métodos contraceptivos, os avanços da tecnologia e do setor de serviços tornando o serviço doméstico mais leve e uma incipiente possibilidade de mudanças de atitude entre os homens assumindo encargos na família, ainda restrita a poucos. Esses anos possibilitaram que a crítica feminista se voltasse para as questões de identidade e diferença, e a não separação de vida privada e pública, o que chegou mesmo a abrir espaços na imprensa, no cinema, na literatura, nas artes e na ciência levando inclusive ao reconhecimento dos estudos feministas como área de conhecimento e ao estabelecimento de uma cultura não sexista.

Nos anos 80, a introdução da categoria gênero substituiu a noção de identidade ao considerar um mundo em que os avanços tecnológicos estavam imprimindo um novo ritmo, e o surgimento de novas estruturas sociais, o que representou o aprofundamento e a expansão da crítica feminista. Esse pensamento constata que a superação de um sistema de desigualdades não se alcança somente pelo fato de que o considerado inferior obtenha os direitos e ocupe as mesmas posições do superior pois numa ordem democrática não se eliminam os desequilíbrios e os mecanismos de dominação de forma tão simplificada. As diferenças do ponto de vista biológico são consideradas, dado que os dois sexos não são iguais entre si e essa desigualdade faz parte do jogo erótico da associação entre homens e mulheres. No entanto, essas diferenças não se constituem em aval para a opressão, nem em

empecilhos para o acesso ao mundo profissional e o direito de salários compatíveis com a função desempenhada sem distinção entre os sexos. Assume-se assim a premissa ideológica da igualdade na diferença, o que representa um considerável avanço do feminismo e das conquistas teóricas dos estudos de gênero, com possibilidades de repercussão e de influência nas relações sociais culturalmente construídas entre os dois sexos. Isso representa um modelo de conduta no qual as peculiaridades existentes entre homens e mulheres são consideradas, levando a formulações teóricas eficazes sobre as relações social e culturalmente construídas entre os sexos, denominadas relações de gênero, o que também implica em relações de poder.

No meio acadêmico, o conceito de gênero foi introduzido a partir da constatação de que o feminismo e seu confronto com os mecanismos de dominação e subordinação levava à emergência de novas categorias analíticas que não se encaixavam nos paradigmas clássicos e que esses paradigmas não conseguiam elaborar modelos explicativos mais flexíveis para analisar a situação específica da mulher como sujeito social e histórico. Embora num sentido mais restrito, o conceito de gênero se refira aos estudos que têm a mulher, a criança, a família, a sexualidade, a maternidade, entre outros, como foco de pesquisas; num sentido amplo, o gênero é entendido como uma construção social, histórica e cultural, elaborada sobre as diferenças sexuais e às relações construídas entre os dois sexos. Estas estão imbricadas com as relações de poder que revelam os conflitos e as contradições que marcam uma sociedade onde a tônica é dada pela desigualdade, seja ela de classe, gênero, raça ou etnia. Com isso se permitiu alguma visibilidade a movimentos sociais emergentes cujo objetivo era a denúncia contra a discriminação, impondo-se a necessidade de um olhar diferenciado para as ambigüidades da ordenação social. Dessa perspectiva se considera que as configurações de poder entre os gêneros, da mesma forma que os significados, as normatizações valorativas, as práticas e os símbolos, variam de acordo com as culturas, a religião, a economia, as classes sociais, as raças, os momentos históricos, etc. Formam-se assim redes de significações que se edificam e se relacionam, atuando em todos os âmbitos da vida cotidiana. As desigualdades entre os gêneros e as que envolvem idade, classes sociais, raças e opções sexuais alternativas, efetivam mecanismos de produção e reprodução da discriminação. Esses mecanismos adquirem concreticidade em todas as instâncias da vida social pública e privada: na profissão, no trabalho, no casamento, na descendência, no padrão de vida, na sexualidade, nos meios de comunicação e nas ciências. Assim, a utilização do termo implica numa rejeição às diferenças

assentadas simplesmente no aspecto biológico e demonstra, por parte da perspectiva teórica feminista, uma absoluta rejeição aos enfoques naturalistas que envolvem a aceitação da categoria implícita de subordinação da mulher ao homem baseada nas estruturas biológicas de cada indivíduo de uma mesma espécie.

3 – GÊNERO E FAMÍLIA

*“ Mamãe, o que eu vou ser quando crescer?
... Mãe, querida... “
Ana Maria Winogron
(s/d)*

*“Época triste a nossa em que é mais difícil
quebrar um preconceito do que um átomo.”
Albert Einstein
(s/d)*

*“Durante certa vivência corporal (jogos), uma menina, ao deixar a bola cair fora da
escola, perguntou:
“Mas não tem nenhum menino para pular o muro e pegar a bola?
- Porquê você não faz isso?
“Meninas não sobem no muro, professora!”
Autor desconhecido
(s/d)*

Esse muro que quando criança não se pode subir, torna-se simbólico, ajudando a construir valores morais, sexuais e comportamentais e ficam alicerçados no espaço entre a infância e a vida adulta através de estereótipos, normas e preconceitos, inclusive raciais, impedindo uma vivência de oportunidades mais abertas e livres. Meninos e meninas têm desenvolvido determinados conceitos e preconceitos de comportamento que acaba interferindo em todo o seu viver, resultando em conflitos na vida adulta. Percebemos esses valores alicerçados, quando meninas e meninos comentam e opinam em situações lúdicas e informais, e também, quando se expressam através da linguagem corporal e do olhar.

Nas vivências corporais, proporcionadas pelo lazer e esportes como jogos, brincadeiras, danças, caminhadas, relaxamentos, dramatizações, passeios, música, enfim, toda a gama de atividades lúdicas e do desporto, percebemos a marca das desigualdades sexuais. Resta para as meninas a "permissão" de brincadeiras mais passivas, enquanto os meninos podem dedicar-se a jogos e brincadeiras mais ativas e competitivas, o que os leva a ter uma maior desenvoltura para auto-organização e com isso tornam-se mais independentes emocionalmente. Em geral, meninas e meninos preferem participar de atividades adequadas ao próprio sexo, não por eles, mas pelas cobranças sociais, o que acaba acentuando as diferenças nas conquistas pessoais adultas. Quando observamos meninos e meninas em momentos esportivos, de lazer e outros, se fortalece a idéia de que as possibilidades das crianças conquistarem pleno desenvolvimento de si como homem e como mulher emancipados, não resultam apenas de mudanças nas relações autoritárias com as quais convivem, mas da transformação das muitas relações de opressão presentes em nossa sociedade BERNARDES(1992). Essas relações opressoras, tornam-se preconceitos quando vivenciadas pelos adultos e são, dessa maneira, introduzidas nas vivências infantis, isto é, tornam-se muros.

Na construção da subjetividade (do concreto ao abstrato) de meninas e meninos observa-se relações de reciprocidade entre os adultos e as crianças, estabelecendo-se opressões nas desigualdades sociais, raciais e sexuais, entre outras.

SILVA(1988) e BERNARDES(1992) mostram reflexões importantes para compreendermos como se discrimina e exclui meninos e meninas de classes mais populares, inclusive nas vivências de escolarização..

Essas crianças estão se formando futuros trabalhadores manuais, através da privação de bens culturais e materiais, credenciais estas encontradas na raiz da divisão mental e manual do trabalho. Meninos e meninas com poucos privilégios econômicos, ou sem eles, deparam-se com "muros" que não permitem o acesso aos bens de consumo: brinquedos, vivências em shopping centers, vestimentas e outros; e aos bens culturais: livros, cinema, música, teatro, esses muros irão determinar poucas oportunidades no futuro, pois são privados estruturas culturais e materiais suficientes para conseguirem melhores posições sociais,

profissionais e pessoais. Muitas dessas crianças têm interesses e capacidades, mas percebem que existem "muros" enormes dificultando-lhes o caminho.

No MURO das desigualdades raciais de acordo com GONÇALVES (1987) e BERNARDES (1992) a sociedade não revela explicitamente sua discriminação em relação ao negro, mas a opressão acontece sob outras formas. Por exemplo: tem-se excluído dos currículos a história de lutas dos negros, impondo às crianças um ideal de ego branco. Esse ritual funciona não pelo que é dito mas pelo que silencia. Em decorrência, uma das formas pelas quais a discriminação racial se expressa, consiste na tentativa de construir a igualdade a partir de um ideal de democracia racial que desconsidera a particularidade cultural negra, isto é, o direito do negro de reconhecer-se a partir de sua diferença. Nesse sentido, a discriminação ocorre ao se impedir que meninos e meninas negras se apropriem do patrimônio cultural da população negra, que os identifica. Esse processo silencia a criança negra a curto prazo, e o cidadão negro a longo prazo.

O MURO das desigualdades sexuais depara com padrões de comportamento explicitamente desiguais. Segundo BERNARDES(1992), as manifestações de carinho, percebidas através da linguagem corporal, são comuns entre as meninas e, entre meninos e meninas. Inexistem entre os meninos caracterizando a repressão através das normas pré estabelecidas pelo mundo adulto.

O modo de agirmos, muitas vezes, fundamenta-se em concepções, valores, normas e padrões do "século passado", e, estão de tal maneira arraigados em nosso ser, que nos esquecemos de reavaliá-lo.

O menino tem sofrido uma alienação do corpo como um todo, e as sensações deste corpo centralizam-se mais acentuadamente nos genitais, conseqüentemente não expressa plenamente seus sentimentos. A menina ao contrário, vivencia seu corpo como um todo mas reprime a genitalidade (padrões atualmente em transformação). Segundo BERNARDES(1992), o padrão de comportamento sexual para o menino tem sido incentivar e consentir os namoros, por que teme-se a ameaça do homossexualismo. No caso da menina é

desestimulado e interditado, temendo-se a gravidez indesejada na adolescência, tornando-a passiva e fazendo-a participar de situações na qualidade de vítima, colocando-a na posição de esperar e aceitar, diluindo seu desejo no desejo do outro. As informações sobre a sexualidade dos meninos e das meninas fundamenta-se nos conhecimentos de natureza biológica, e com reforço à atitudes repressoras que possuem cunho conservador e moralista. Fica em segundo plano a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, informações sobre a gravidez precoce. As metas pessoais mais abrangentes, como vivenciar a sexualidade, vinculando-as à emancipação da mulher, à igualdade entre homem e mulher e à busca do prazer na vida sexual, estão distantes de muitas concepções.

Atribuem aos meninos e às meninas uma série de papéis e expectativas quanto ao futuro e, eles têm poucas chances de desenvolver um modo diferente de vida, acabando por seguir os padrões que a família e a sociedade impõem. Ou seguem as ordens da sociedade e tornam-se cúmplices dela, ou atendem as necessidade da auto-realização que vai depender muito do grau de cultura e do auto-conhecimento. Uma das formas da sociedade exercer controle sobre o corpo da pessoa é silenciá-lo. É o mesmo processo que silencia a criança negra com relação à cor do corpo.

4 – SEXO E GÊNERO NA ESCOLA

*“... nas escolas, nas ruas, campos, construções
aprendendo, ensinando uma nova lição...
Caminhando e cantando e seguindo a canção.
Somos todos iguais braços dados ou não...”*

*Prá não dizer que não falei das flores
Geraldo Vandré
(S/D)*

Uma questão importante para a reflexão dos educadores é o tratamento dado, no currículo e demais práticas escolares, às questões de sexo e gênero. As narrativas contidas no currículo, como alerta Silva (1995), fixam o que é legítimo, certo e errado, quais são as vozes autorizadas e negadas no discurso pedagógico. Nesse contexto, divisões sociais e discriminações de raça, gênero e classe são produzidas ou reforçadas. É importante investigar como os vários segmentos são representados na escola e como as imagens que deles fazemos fixam as posições subalternas ou dominantes de diferentes grupos. Só assim o currículo, seja o explícito ou o oculto, pode ser continuamente redefinido e aperfeiçoado, passando a conter representações diferentes das já estabelecidas, divulgadas pela tradição.

Como na escola se encaram, então, as diferenças entre meninos e meninas, entre homens e mulheres? Será que alunas e alunos têm as mesmas experiências escolares e profissional?

O estudo das relações de gênero na educação privilegiou, inicialmente, a questão do acesso feminino à escolarização formal, as diferenças na socialização de meninos e meninas, a imagem de mulher veiculada nos livros didáticos e paradidáticos; mais recentemente, vem sendo debatida a questão da predominância feminina no corpo docente, e persiste a necessidade de estudar as diferentes representações dos jovens dos dois sexos sobre escola e trabalho.

As pesquisas sobre gênero fundam-se na idéia de que, embora haja notórias diferenças anatômicas e fisiológicas entre mulheres e homens, todas as demais diferenças são socialmente construídas: características usualmente atribuídas a um e outro sexo não são inatas, mas adquiridas ao longo da socialização. Chama-se naturalização esse processo de atribuir "à natureza" características que, na verdade, são inculcadas, favorecidas ou estimuladas na socialização das crianças. Na conhecida definição de Joan Scott (s/d), gênero é uma categoria de análise das relações histórico-sociais: **"é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e é um primeiro modo de dar significado às relações de poder"**.

Todas as sociedades prescrevem papéis sociais e atribuições diferentes para homens e mulheres; geralmente o homem, assume o papel de provedor, socializado para o trabalho preparado para o exercício do poder, e da vida pública, separando nitidamente esta esfera da doméstica, a mulher, geralmente é destinada aos papéis de dona de casa e mãe, a cuidar das crianças, desde cedo a mulher é preparada para as tarefas do mundo privado. O menino é educado para "se virar", mandar, ser "macho"; a menina treinada para cuidar de bonecas, ser submissa, ser "feminina" para seduzir seu futuro provedor. Só que esses "papéis" não são igualmente valorizados: na hierarquia de gênero, os homens estão em posição superior e as diferenças camuflam relações de poder que os beneficiam.

Lembramos que nem sempre as papéis sociais permanecem com uma divisão tão rígida. Mas mesmo nos atuais, quando , no Brasil , as mulheres são maioria nos bancos escolares e ocupam 40% da força de trabalho e muitas ascendem a posições de poder e prestígio, persistem representações que não as valorizam, reconhecem ou beneficiam, reforçando preconceitos e discriminação. Em muitos lares, pobres e ricos, o homem monopoliza as decisões, chegando ao extremo de exercer sobre a mulher violência emocional e física. A maioria das mães exigem que as filhas colaborem nos serviços domésticos, dispensando os filhos dessas tarefas. Estes, por outro lado, também se ressentem de imposições como a de não expressar emoções ("homem não chora") ou de contribuir para a renda familiar desde muito cedo, inclusive em detrimento dos estudos.

À discriminação por sexo se formaliza na escola. É a escola que, socializando os métodos aprendidos na família, sedimenta e dá bases teóricas à divisão de papéis. E é exatamente isto que a família espera da instituição escolar, desde o currículo até a própria figura da professora. Tudo caminha de modo uniforme e coerente. Segundo Toledo, (1981:p17):

“A professora traz em si mesma os modelos e ideais que a criam, por sua vez, recebeu em casa. É lugar-comum ouvirmos que a professora é como a própria mãe. Como mulher que é, ela carrega e transmite os valores vigentes. Quando menina ouviu dizer que “menina não faz isto, não faz aquilo”, que “isto não é brinquedo de menina”. “Menina boazinha não age assim, não responde, não briga, é obediente, ajuda a mamãe”. E outras frases do gênero. A professora se tornou adulta ouvindo que cresceria, se casaria e teria filhos; se casaria com um homem que a manteria. Ela encara sua profissão não como algo finalizado em si mesmo, mas como um quebra-galho, algo complementar e não fundamental.

Esta mesma mulher vai dividir as crianças em duas categorias bem distintas: menino e menina. E tudo parece correr às mil maravilhas. Mas vejamos: por que a massa de educadores é do sexo feminino? Por que é uma profissão tão sem prestígio? Será porque é exercida por mulheres, ou, ao contrário, por ser sem prestígio, as mulheres a escolhem por serem mão-de-obra barata, com uma carga horária menos empenhativa? O correto não seria termos muitos professores do sexo masculino também? Não seria a existência da figura masculina e feminina simultaneamente? Não seria a escola com tempo integral?”

Elena Belotti, psicóloga e educadora italiana, entre as muitas e interessantes pesquisas que realizou, relata uma de extremo interesse. Através da observação sistemática em escolas de maternal e 1º Grau ela notou que as crianças dos sexos masculino e feminino mostravam-se muito interessadas quando viam uma figura do sexo masculino na escola. Fosse ele carteiro, bombeiro ou uma visita. Em uma de suas experiências, introduziu em sala de aula um estudante universitário durante o período de recreio ou mesmo de aula. Imediatamente o estudante era cercado pelas crianças, meninos e meninas, que se sentavam sobre suas pernas, lhe pediam doces, enchiam-no de perguntas e a custos o deixavam ir embora.

E quanto à “vocação para professora”? esta frase feita é a continuação do conceito de intuição feminina para a maternidade, para o tratamento com as crianças. Como se com a intuição, da qual não existe, nenhuma prova que esteja ligada aos hormônios femininos, se soubesse a priori resolver todas as questões que se colocam na educação. Da professora não se espera uma preparação específica, profunda, sem tabus, da psicologia infantil, da psicofisiologia do cérebro infantil, de métodos educativos. Dela se espera uma espécie de capacidade mágica, de adivinhação e “bom senso”. Em síntese, se espera que ela seja “uma boa mãe” nos moldes familiares existentes.

A escola é espaço privilegiado da socialização, mas com pesos diferentes para os jovens de um e outro sexo. Hábitos e atitudes de ordem, limpeza, submissão e expressão, geralmente privilegiados na socialização das meninas, coincidem com atitudes requeridas na escola, o que nem sempre acontece com o processo de socialização dos meninos. (As professoras e os professores precisam observar suas próprias atitudes ou omissões) que podem reforçar, ou não, preconceitos de gênero dando atenção diferenciada a meninos e meninas: por exemplo, aceitar atitudes inadequadas dos rapazes com argumentos de naturalização (“homem é assim mesmo”), ou censurar atitudes das jovens com o argumento de “não fica bem para uma menina”, quando o correto é chamar a atenção de umas e outros recorrendo ao rol de direitos e deveres do cidadão. Vale lembrar que, de fato, e especialmente na adolescência, as jovens são mais vulneráveis à agressão, inclusive sexual, cabendo nesse caso sua defesa explícita. Devem evitar também expressar expectativas diferentes de desempenho intelectual segundo o sexo ou visões preconceituosas sobre projetos de vida e perspectivas de trabalho

"feminino" ou "masculino". Cabe aos educadores estimular o desenvolvimento dos potenciais de cada um, independentemente de sexo, cor, etnia ou classe social.

Não se pode ignorar ou impedir que cheguem à escola esses e outros problemas do contexto cultural, social, político e econômico dos nossos dias. É preciso ouvir e dialogar, refletir e redefinir a prática pedagógica, tornando-a sempre mais coerente com as opções educativas declaradas pelo corpo docente e, também, para conhecer a situação de vida dos alunos e compreender um pouco do que influencia seu modo de agir na escola.

Conhecendo melhor a realidade dos jovens, por exemplo, a dura questão da indisciplina pode ser vista sob um novo ângulo. Com toda a carga que suportam, de discriminação, desesperança, perspectiva de desemprego, como esperar que sejam calmos, respeitosos, disciplinados e dedicados aos estudos?

Em nome de quê exigir respeito de jovens que tem seus mais básicos direitos desrespeitados, numa sociedade que os exclui?

Por outro lado, como recompor o ambiente escolar, tornando-o acolhedor, organizado, confortável, calmo, respeitoso e, ao mesmo tempo, desafiador, estimulante, para que os alunos desejem aprender, alimentem a curiosidade, queiram compreender o mundo, sintam-se partícipes, tornem-se mais tranquilos e solitários.

Importa fazer todo o possível dentro da escola e buscar apoio e colaboração de outras instituições sociais, como serviços de saúde, agências de formação profissional, de proteção aos direitos dos adolescentes, associações comunitárias etc. Assim, evitando a ilusão de resolver todos os problemas, estar-se-á ao mesmo tempo buscando saídas para tudo o que estiver ao alcance dos educadores, de forma a cuidar melhor das crianças e jovens que freqüentam a escola pública

05- ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E GÊNERO

"E o que significa escolher, quando se trata de escolher um projeto de vida que abarca aspectos desconhecidos, como, por exemplo, o futuro pessoal e social ? [...] Opção que se encontra condicionada por inumeráveis e sutis influências, que se desenvolve ao longo da história de cada pessoa e que leva também o selo de expectativas e projetos familiares, além de estar delimitada pela situação social, cultural e econômica pelas oportunidades educativas, pelas disposições de cada um, pelos horizontes ocupacionais do local de residência..."

(Muller, 1988 :140)

Como ocorre a construção do projeto profissional em homens e mulheres? De acordo com Hernandez (1983), durante o seu desenvolvimento o indivíduo elabora um esquema de idéias sobre a sua vida na medida em que forma a sua concepção de mundo, de si próprio e do futuro. Assim, um projeto profissional abarca, *"além das ideologias vigentes, os laços familiares, as determinações de classe, as influências demográficas e uma grande quantidade de outros aspectos"* (Strey, 1988, :. 118).

Diante desta constatação, pretendemos conhecer quem são essas pessoas, o que querem, que valores professam , que planos têm? Buscando continuar a obter

respostas, passo a analisar uma pesquisa em trabalho e gênero do pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da PUCRS, que vem trabalhando em uma investigação sobre a construção do projeto profissional.

A amostra da pesquisa constou de 555 pessoas, 327 mulheres e 228 homens. Tratam-se de estudantes de Segundo Grau de escolas públicas e particulares de Porto Alegre e universitários de cursos "femininos" (Psicologia - Pedagogia - Letras e Relações Públicas) e cursos "masculinos" (Engenharia - Informática - Administração e Economia). Para ser designado como masculino ou feminino, o curso deveria ter mais homens que mulheres e mais mulheres que homens, respectivamente.

O instrumento aplicado foi um questionário que abrange diversas variáveis, entre elas: os Planos para o Futuro, Estereótipos de Gênero, Características Pessoais, Determinantes Positivos e Negativos, Valores de Trabalho, Influências da Família e de Outras Pessoas.

Aqui vamos apresentar uma análise exploratória dos resultados apresentados.

5.1 - Características Pessoais

Ao se falar em *escolha vocacional*, veremos que muitos são os fatores que interferem neste processo tão importante na vida dos estudantes. Um destes fatores são as *características pessoais*. Segundo Silva (1992), o mais importante na escolha vocacional é o auto-conhecimento adquirido pelo sujeito. É a partir do conhecimento de suas características pessoais, além de aptidões, capacidades e interesses e da busca do sujeito por esse auto-conhecimento que se encontrará o caminho mais seguro rumo a uma escolha profissional.

Através do questionário, foi pedido que quantificassem o quanto percebiam em si mesmos certas características pessoais. Como podemos ver na tabela 1, os resultados evidenciam que os homens dizem ter mais confiança em si do que dizem as mulheres e a diferença mais acentuada se refere à competitividade, quando os homens julgam-se bem mais competitivos do que as mulheres.

Pode-se pensar estes aspectos como reflexo de uma socialização de gênero ainda diferenciada, que busca tornar meninos em homens lutadores por um espaço nesse mundo com tão poucas oportunidades?

Outras diferenças nas características de homens e mulheres apareceram como os homens sendo mais agressivos que as mulheres e estas mais dependentes, emotivas e indecisas. Finalmente, ambos os sexos se vêem pouco submissos, bastante solidários e muito preocupados com a família.

5.2 - Influências e Determinantes

Em relação às escolhas profissionais, existem determinantes individuais e ambientais que se constituem em influências positivas ou negativas que interferem nestas escolhas. Os determinantes ambientais constituem-se em oportunidades de mercado de trabalho, barreiras econômicas e sociais, além de influências familiares (Silva, 1992).

Podemos observar na tabela 2, os dados constatados demonstram que a família é percebida pelos estudantes como uma influência marcante e positiva em suas escolhas profissionais, principalmente a figura da mãe. As influências da família podem ocorrer, por exemplo, através do prestígio que as profissões possuem para esta e podem ser vitais no processo de escolha da profissão.

Em relação a outras pessoas que influenciaram no projeto profissional, a tabela 3 demonstra que a família extensa e os professores também exercem influência externa sobre os/as estudantes, *mas são os/as amigos/as os mais influentes de todos/as*.

Talvez isto se deva em função da faixa etária estudada, cuja média de idade é 17 anos. Nessa fase evolutiva, a observação dos estudos mostram que os pares obtêm predominância sobre as demais relações. Assim, na hora de discutir um projeto profissional, os jovens e as jovens buscam constantemente apoio e ajuda entre seus amigos e amigas.

Alguns *determinantes* positivos e negativos, isto é, aspectos ou elementos que auxiliam ou dificultam o estabelecimento ou realização do projeto profissional, estão indicados na tabela 4. Sobre os aspectos positivos percebemos que não houve muita variação para ambos os sexos. A confiança em si mesma e a possibilidade de obter informações sobre as profissões são mais expressivos nas mulheres, o que demonstra que estas apesar de não se perceberem confiantes em si mesmas, acreditam que isto seja um aspecto positivo para seu projeto profissional. Já sobre os aspectos negativos ambos os sexos indicaram a falta de trabalho como um empecilho. Os homens percebem de forma mais significativa a falta de informações sobre as profissões que as mulheres e estas, por sua vez, acreditam que o sexo a que pertencem seja uma barreira para seu projeto.

5.3 - Planos para o Futuro

Um outro fator que é importante de ser considerado quando se realiza uma escolha profissional são os planos e expectativas que os sujeitos possuem para suas vidas.

Segundo Silva (1992:71), " o objetivo central da orientação vocacional não se resume simplesmente em ajudar o aluno na escolha de uma dada profissão, mas em desencadear uma reflexão inerente às dúvidas encontradas e às variáveis que interferem no momento de decisão, levando em consideração seus desejos e suas aspirações de vida".

De acordo com a tabela 5 as mulheres querem casar em uma proporção maior que os homens, porém estes afirmam querer casar mais cedo que as mulheres. Percebemos também que ambos os sexos querem ter filhos e trabalhar, mas as mulheres querem trabalhar mais que os homens.

A análise dos planos para o futuro permitiu-nos constatar que as mulheres querem "mais tudo" (ter filhos, trabalhar, casar) do que os homens. Sua busca de igualdade na sociedade as fazem buscar novos campos de ação (o mercado de trabalho, por exemplo) sem desistir de seus papéis tradicionais (ser mãe, esposa). Os homens também estão mudando,

embora com menor velocidade, como veremos mais adiante ao tratar dos estereótipos de gênero. Essa busca mais intensa sobrecarrega as mulheres, já que os homens não compartilham na mesma medida todo o trabalho e obrigações. Esses são aspectos que devem ser bem trabalhados no processo de orientação vocacional com os jovens de ambos os sexos. Isso não só para ajudar na escolha e construção de um projeto profissional, mas como tarefa educativa e de transformação social numa direção realmente mais igualitária.

5.4 - Valores de Trabalho

As novas alternativas de trabalho que se oferecem para a mulher permeiam uma reconsideração das concepções tradicionais acerca dos papéis sexuais. A tabela 6 apresenta as médias resultantes para ambos os sexos, onde se pode verificar a ocorrência de diferenças significativas, que atribuímos mais ao tamanho da amostra do que a diferenças drásticas nas médias.

Com base nos dados da tabela, pôde-se observar que os homens e as mulheres apresentaram semelhantes valores de trabalho, mas com intensidades diferentes (mulher com mais intensidade, tanto para negar o tradicional, como para buscar novas possibilidades e mais igualdades no mercado de trabalho). Para ambos, é importante gostar das tarefas a serem realizadas, assim como, ganhar dinheiro e desenvolver a criatividade. De forma significativa, as mulheres dão principal destaque a gostar do que se faz, ter prestígio, ter oportunidades de emprego, que não deva existir discriminação entre os sexos, que se possa ajudar os outros e ter um emprego de meio turno. Já os homens (2), destacam o valor de fazer trabalho apropriado ao sexo mais que as mulheres (1,7).

A maior intensidade com que os valores de trabalho aparecem nas mulheres, demonstra a tendência que aparece nas outras variáveis estudadas, que mostra as mulheres mais empenhadas e motivadas em todos os sentidos do que os homens.

O conflito está insinuado nesta diferença em relação à velocidade com que homens e mulheres buscam a igualdade no mercado de trabalho e em seus projetos de vida.

5.5 - Estereótipos de Gênero

Ferreira (1995) diz que os papéis de gênero são as características psicológicas e comportamentais que estão associadas às biológicas, tanto de mulheres quanto de homens. Esses papéis dizem respeito às expectativas em relação ao comportamento masculino e feminino que são socialmente aceitas. Eles são determinados pelo contexto histórico-cultural do sujeito e têm influência nos traços de personalidade.

Conforme tabela 7, as mulheres foram significativamente mais enfáticas em relação à aspectos como: ambos os sexos têm a mesma capacidade para decidir sobre assuntos importantes, deveriam receber oportunidades idênticas por parte do Governo e Organizações em geral, as tarefas domésticas deveriam ser igualmente divididas e deveriam receber iguais oportunidades de desenvolvimento profissional. Enfatizaram também que a mulher é mais bem dotada que o homem para as tarefas que exijam sensibilidade.

Os homens indicaram, significativamente com mais intensidade aspectos como: é mais adequado que as mulheres sejam as encarregadas de cuidar das crianças, o alcoolismo é mais grave na mulher que no homem, os treinamentos profissionais caros devem ser oferecidos primeiramente aos homens, o homem é mais bem dotado que a mulher para fazer esforço físico.

Parece-nos, portanto, que as mulheres fizeram muitas conquistas profissionais, porém obtiveram como consequência uma dupla jornada de trabalho, já que dentro de casa as mudanças praticamente inexistem.

Segundo Oliveira (1991), mesmo em tempos modernos onde urge mudanças socio-econômicas , alguns aspectos culturais e sociais permanecem, confirmando a dicotomia sexual.

Tabela 1:
Características Pessoais

Características	Média Mulheres	Média Homens
Dúvidas	2,05	2,01
Confiança em si	3,05	3,24
Submissão	1,73	1,83
Indecisão	2,34	2,15
Agressividade	1,81	2,08
Dependência	3,12	2,82
Emotividade	3,12	2,82
Solidariedade	3,18	3,08
Competitividade	2,56	3,18
Preocupação com a família	3,30	3,18

FONTE PUCRS

Tabela 2
Influências percebidas do pai e da mãe
nos projetos profissionais

Influência do pai:	Mulher %	Homem %
negativa	4,3	3,1
positiva	63,0	61,8
nenhuma	27,8	25,4
indiferença do pai	2,7	9,2
não respondeu	2,1	0,4
Influência da mãe:	Mulher %	Homem %
negativa	1,2	5,3
positiva	79,2	69,7
nenhuma	16,2	20,2
indiferença da mãe	2,4	3,5
não respondeu	0,9	1,3

FONTE PUCRS

Tabela 3:
Outras Pessoas que influenciaram no
Projeto Profissional

Pessoa que influencia	Mulher %	Homem %
tio/tia	27,8	19,7
irmãos/irmãs	43,7	33,3
amigos/amigas	63,9	46,0
<i>professores/professoras</i>	22,9	28,1
ninguém influenciou	6,1	13,1
não sabe quem influenciou	3,7	10,1
outras pessoas	18,6	15,8

FONTE PUCRS

Tabela 4:
Determinantes Positivos e Negativos

DETERMINANTE	MULHERES %	HOMENS %
Positivos		
Informações sobre a carreira	52,0	45,8
Êxitos acadêmicos	9,8	12,8
Confiança em si mesmo (a)	54,7	13,3
Recursos econômicos	7,0	5,3
O sexo a que pertence	0,9	2,6
Esperança de conseguir emprego	26,2	21,1
Outras coisas	12,5	11,9
Negativos		
Falta de confiança em si	11,6	21,1
Fracassos acadêmicos	7,9	12,3
Necessidades econômicas	23,6	17,18
A falta de trabalho	30,8	33,5
O sexo a que pertence	7,4	1,3
Outras coisas	13,2	15,8

FONTES PUCRS

Tabela 5:
Planos para o Futuro

Planos	Mulheres %	Homens %
Casar	73.70	66.5
Ter Filhos	84.30	83.3
Trabalhar	82.20	73.70

FONTE PUCRS

Tabela 6:
Valores de Trabalho

VALORES	MULHERES	HOMENS
Gostar do que faz	3,6	3,4
Ganhar dinheiro	3,4	3,4
Ter prestígio	3,4	3,2
Poder ser criativo	3,4	3,4
Fazer trabalho próprio a seu sexo	1,7	2,0
Oportunidades de emprego	3,4	3,2
Não existir discriminação entre os sexos	3,3	2,7
Emprego seguro	3,4	3,3
Para ajudar os demais	3,3	2,9
Oportunidades de promoção	3,2	3,2
Horários compatíveis com a vida familiar	3,3	3,0
Emprego de meio turno	2,4	1,9

FONTE PUCRS

Tabela 7:
Estereótipos de Gênero

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO	MULHERES %	HOMENS %
Homens e mulheres têm a mesma capacidade para decidir sobre assuntos importantes	95.1	90.7
Homens e mulheres deveriam receber oportunidades idênticas por parte do Governo e Organizações em geral	96.0	92.5
As tarefas domésticas deveriam ser responsabilidade de homens e mulheres igualmente	92.7	68.7
É mais adequado que as mulheres sejam as encarregadas de cuidar das crianças	12.2	38.8
Homens e mulheres deveriam receber iguais oportunidades de desenvolvimento profissional	96.9	95.1
O alcoolismo é mais grave na mulher que no homem	5.2	17.2
Os treinamentos profissionais caros devem ser oferecidos primeiramente aos homens	2.4	8.3
O homem é mais bem dotado que a mulher para fazer esforço físico	60.8	84.6
A mulher é mais bem dotada que o homem para tarefas que exijam sensibilidade.	60.5	54.0

FONTE PUCRS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“ Tente mudar ou mover o Mundo.
O primeiro passo é mudar
Ou mover a si mesmo “ .*

*Platão
(s/d)*

Durante o processo e elaboração da Monografia estive diante de vários livros e diversos autores. Cada um com uma idéia, com um ponto de vista, mais nenhum falava realmente o que eu estava procurando. Tive a idéia de recorrer a Internet, foi então que chequei o site da Puc-Rio Grande do Sul, nessa Universidade esta sendo desenvolvido uma pesquisa em trabalho e gênero na pós-graduação em Psicologia Social Pucrs. Esse trabalho tem como objetivo principal investigar sobre a construção do projeto profissional de homens e mulheres. Comecei a minha Monografia!

Meu objetivo era entrar numa Faculdade de Pedagogia e poder prosseguir meus estudos dentro da área de Recursos Humanos. Alguns meses antes de entrar para Faculdade

trabalhei numa creche no bairro do Flamengo, onde fiquei responsável pela sala de Maternal II. Fui selecionado pois sou formado em artes cênica e isso traria para as crianças várias novidades, já que o teatro trabalha com várias emoções. O que me chamou atenção foi um homem trabalhar numa creche e ser responsável por uma turma de maternal. A resposta que tive foi que o papel do pai era importante para as crianças que não o tinha. Concordei ! Durante o tempo que fiquei na creche foi prestando atenção e notei que as professoras deixavam as crianças brincarem livremente na área aberta. Se meninas quisessem brincar de futebol (brincadeira dita como de menino) não tinha nenhum problema e vise versa. Pude notar que não tinha preconceito das crianças nem tão pouco dos professores. O importante ali não era se a atividade era de menina ou de menino, mais sim brincar, cada vez mais entrava alunos o que nos faz crer que os pais gostam da metodologia da escola..

Com todas essas informações, tive a curiosidade de saber: quando essas crianças chegarem na hora de escolher sua carreira profissional quem vai influencia-los: escola, família, amigos, enfim... qual segmento da sociedade seria o responsável pela nossa escolha vocacional?

Em minha Monografia de nome “Orientação Vocacional e Gênero” , tento buscar essas resposta. Para isso lancei mão dos questionários realizados pela Pucrs, que abrangeu sobre a construção dos projetos profissionais, entre os quais: a auto avaliação das características pessoais, os estereótipos de gênero, a influência da família e de outras pessoas, da escola, influências positivas e negativas, os valores de trabalho, a importância dada a família e à carreira e aos planos para o futuro.

Em minhas observações optei pela escola. Vejam bem: sobre os livros didáticos as fotos que aparecem mostram um carteiro, hoje já temos mulheres trabalhando nessa profissão. O que ocorre também nas profissões de motorista de ônibus, gari, motorista de taxi., etc.

Tive uma grande surpresa quando deparei na pesquisa que quem influência em uma carreira profissional são os amigos, com 63,9%, a escola aparece em 4º lugar com 22,9%. Por isso a importância de bons relacionamentos.

Ao chegar ao final dessa pesquisa, pude constatar semelhanças entre homens e mulheres no decorrer de seus projetos profissionais. Espero poder dar uma pequena contribuição no que diz respeito a “Orientação Vocacional e Gênero”. Pois é através de nossa escolha profissional que depende todo nosso futuro.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Jane Soares de. Estudos de gênero. [http://www.educacao .prop.br](http://www.educacao.prop.br). s/d
- BOURDIEU, P. Sociología y cultura. México D.F. Grijalbo, 1990
- CANDAU, V.M. Magistério: Construção cotidiana. Petrópolis,
- COSTA, Marisa C. Vorrager. Trabalho docente e profissionalismo Editores, 1992
- GROSSI, Míriam Pillar. O masculino e o feminino na educação
- HIPOLITO, Álvaro L. Moreira. Trabalho docente, classe social e Ka escuela primaria. Buenos Aires. Miño y Dávila s/d
- MORGADE, G. El determinante de gênero em el trabajo docente de Os papéis sexuais na educação: Petrópolis, vozes, 1981
- Porto Alegre, Sulina, 1995
- Relações de gênero. Campinas, Papyrus, 1997. s/d
- TOLEDO, Regina Antônia G. de e outras. A dominação da mulher. Vozes 1998
- NEIM, Relações de gênero, família e trabalho, www.ugba.br, 1983.
- _____ Sexo e gênero na escola, [www.terravista.pt?ilha](http://www.terraviva.pt/ilha). s/d
- MULHER, M. Orientação vocacional: artes Médicas, Porto Alegre, 1988.
- FERREIA, C. Masculinidade, feminilidade e ajustamento psicológico: Reflexão é crítica, Porto Alegre, 1995.
- OLIVEIRA, R.D. Elogio da diferença. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1991
- SILVA, L.B.C. A escolha da profissão: Uma abordagem psicossocial, Ed. Unimarco, São Paulo, 1996.
- SILVA, M.I.R. Personalidade e escolha profissional. Epu, São Paulo, 1992
- GROSSI, M.P. O masculino e o feminino na educação, s/d
- BERNANDES, GONÇALVES E HERNANDES. Vivenciando o corpo. S/d.